



01 a 04 de
OUTUBRO
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

ANÁLISE DO SOTAQUE GOIANO EM “TÁ NA BOCA DO POVO: JEITO "GOIANÊS" DE FALAR SÓ GOIÁS QUE TEM”

*ANALYSIS OF THE GOIAN ACCENT IN “IT’S IN THE PEOPLE’S MOUTH: THE
“GOIANISH” WAY OF SPEAKING ONLY GOIÁS WHO HAS IT”*

Cecilia Divina Fernandes Nunes Rizzo (UEG)¹

Kênia Mara de Freitas Siqueira (UEG)²

Resumo: A variação linguística pode ser observada em diferentes âmbitos linguísticos, morfológico, fonético e prosódico. Nesse sentido, as variações acentuais prosódicas, rítmicas, entonação podem caracterizar uma variedade linguística, a variedade ser reconhecida como tal, o que os falantes conhecem como “sotaque”, ou melhor, a pronúncia ou a entonação de determinados palavras varia de acordo com a região em que a pessoa vive. Há também variações lexicais, o uso de diferentes palavras para se referir a um mesmo objeto ou conceito. E, até mesmo na sintaxe, podem ser observadas diferenças, que são variações de regras e estruturas sintáticas em diferentes variedades linguísticas. Assim, se delinea o objetivo deste estudo que é realizar uma breve descrição do sotaque goiano na reportagem “Tá na boca do povo: jeito "Goianês" de falar só Goiás que têm”, que foi exibido pelo jornal da Record Balanço Geral no dia 2 de fevereiro de 2024. A metodologia do estudo consiste em pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa. A base teórica estrutura-se pelos trabalhos Lindau, (1980), Orlandi (2002), Bagno (2011), entre outros. A reportagem apresenta vários “sons” como sotaque goiano, como é o caso do “erre (τ) retroflexo”, o conhecido "erro caipira". Há, em relação ao léxico, algumas palavras e expressões próprias da região, como "goiano da perna roxa" (pessoa nascida em Goiás), para citar apenas algumas.

Palavras-chave: Variação linguística. Sotaque. Léxico.

Abstract: Linguistic variation can be observed in different linguistic areas, morphological, phonetic and prosodic. In this sense, prosodic, rhythmic and intonation accentual variations can characterize a linguistic variety, the variety being recognized as such, which speakers know as “accent”, or better yet, the pronunciation or intonation of certain words varies according to the region in which the person lives. There are also lexical variations, the use of different words to refer to the same object or concept. And, even in

¹ Mestranda no curso da Poslli (Programa de Pós Graduação em Língua Literatura e Interculturalidade). Especialista em Educação para a Diversidade: Direitos Humanos e Cidadania pela Universidade Federal de Goiás/ Regional Goiás; Graduada em Licenciatura em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (UEG/GO); Tecnóloga em Turismo pela (UEG/GO) e Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Goiás.

² Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Bernardo Sayão (1984), graduação em Letras pela Faculdade Estadual Celso Inocêncio de Oliveira (1998); mestrado e doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2003), (2010) respectivamente. Atualmente, é docente ensino superior da Universidade Estadual de Goiás, atuando principalmente nas áreas de Linguística Textual, estudos do Léxico e Onomástica, com enfoque nos estudos toponímicos do Estado de Goiás e ênfase principalmente na relação língua/cultura e território.



syntax, differences can be observed, which are variations of rules and syntactic structures in different linguistic varieties. Thus, the objective of this study is outlined, which is to provide a brief description of the Goiás accent in the report “It's in the mouth of the people: the "Goianês" way of speaking only Goiás that has”, which was shown by the Record newspaper Balanço Geral on the 2nd February 2024. The study methodology consists of bibliographical research, with a qualitative approach. The theoretical basis is structured by the works Lindau, (1980), Orlandi (2002), Bagno (2011), among others. The report presents several “sounds” such as a Goiás accent, such as the “erre () retroflexo”, the well-known erre caipira. There are, in relation to the lexicon, some words and expressions specific to the region, such as "Goiano da Leg Roxa" (a person born in Goiás), to name just a few.

Keywords: Linguistic variation. Accent. Lexicon.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é verificar quais os aspectos linguísticos mencionados na reportagem **Tá na boca do povo: jeito goianês de falar só Goiás que tem**, são variações mais restritamente encontradas na fala dos goianos ou são fenômenos comuns a tantas outras variedades do português falado no Brasil, fenômenos estes já estudados, descritos e analisados em dados linguísticos de todas as regiões brasileiras.

As variações linguísticas podem ser apresentadas em diferentes níveis linguísticos: sintático, morfológico, fonético, prosódico, este nível é reconhecido como a própria maneira de grupos falarem. Desse modo, as variações acentuais prosódicas, rítmicas, entonação podem caracterizar uma variedade linguística, e a variedade ser reconhecida como tal, o que os falantes conhecem como “sotaque”, ou melhor, a pronúncia ou a entonação de palavras ou expressões, ou até mesmo em nível sintático (ordem dos termos da oração, estrutura da frase), varia de acordo com a região em que a pessoa vive. Pode-se pensar também em variações lexicais, o uso de diferentes palavras para se referir a um mesmo objeto ou conceito.

Assim, constitui-se o objetivo deste estudo que é realizar uma breve descrição do sotaque goiano na reportagem **Tá na boca do povo: jeito Goianês de falar só Goiás que tem**, exibido pelo jornal da Record, Balanço Geral, no dia 2 de fevereiro de 2024.

Os procedimentos se dão nos moldes da pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa interpretativa. A base teórica estrutura-se pelos trabalhos de Lindau, (1980), Orlandi (2002), Bagno



(2011), entre outros. O estudo parte de uma compilação de Bagno (2004) acerca das características mais comuns das variações em torno do português brasileiro falado, o que Bagno indica como fala “popular”³.

A reportagem apresenta vários “sons” como sotaque goiano, como é o caso do “erre (τ) retroflexo”, o conhecido “erre caipira”, mas traz outras características do falar goiano. Há, em relação ao léxico, algumas palavras e expressões próprias da região, como “goiano da perna roxa” (pessoa nascida em Goiás), para citar apenas algumas. No entanto, este estudo além às variações em nível gramatical, por vezes, as variações lexicais podem ser mencionadas.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Ao considerar as variações morfológicas, fonéticas, sintáticas e semânticas do português brasileiro pode-se verificar alguns fenômenos mais específicos de uma ou outra região do país. Na reportagem, **Tá na boca do povo: jeito goianês de falar só Goiás que tem**, essas variações são abordadas dando mais ênfase ao sotaque, reconhecido pelos entrevistados como sendo um jeito específico do goiano falar o português.

O termo sotaque, com etimologia desconhecida, de acordo com Bagno (2011), só existe em português. Em outras línguas⁴, há termos da mesma origem da palavra “acento”, que está relacionada, é claro, à prosódia, à cadência, ao “canto”, entende-se assim, que é maneira como cada falante canta sua língua conforme a melodia própria da sua região.

Segundo Bagno (2011, p. 338), “os sotaques são manifestações mais imediatas da identidade⁵ linguística dos falantes.” O sotaque é inerente à fala, Bagno afirma que todo e “qualquer falante, de toda e qualquer língua do mundo, exhibe traços prosódicos característicos de sua variedade linguística, de sua região [...] são poucas as pessoas que conseguem, por uma aptidão natural ou por esforço consciente, ‘falar sem sotaque’” (p. 338).

As características prosódicas que permeiam as variedades linguísticas brasileiras se dão nos

³ Grifo do autor.

⁴ Segundo Bagno (2011), em inglês e francês, *accent*; em espanhol, *acento*, em italiano, *accento* e em alemão, *akzent*.

⁵ Identidade segundo o conceito de Stuart Hall (2006), é uma construção que faz pela diferença e não fora dela.



diferentes níveis da linguagem e afetam o ritmo, a cadência, a entonação e podem ser resumidas conforme Bagno (2011, p. 107):

- (i) Queda da vogal átona postônica em palavras proparoxítonas: *córrego* > *corgo*.
- (ii) Não nasalização de sílabas postônicas: *homem* > *home*.
- (iii) Monotogação de ditongos átonos crescentes em posição final: *imundície* > *imundícia*.
- (iv) Rotacismo: troca do [l] por [r] em encontros consonantais ou em coda silábica: *placa* > *praca*; *filme* > *firme*.
- (v) Pronúncia [l] da consoante palatal [ʎ] escrita *telha* > *teia*.
- (vi) Redução da terminação –ndo do gerúndio em –no: *conversando* > *conversano*.
- (vii) Eliminação do plural redundante, marcado apenas no determinante: *Os aluno*, *aqueles livro*.
- (viii) Redução da morfologia verbal a duas formas: [eu] *danço*, [tu/você/ele/nós/ a gente/vocês/eles] *canta*.
- (ix) Léxico característico, variável de região para região: *fruta*, *luita*, *cunzinha*, *drumi*, *percurá*, *alembiar*.

Acrescente-se a essas características o conhecido “erre caipira”, identificado na reportagem como um elemento específico da fala goiana. Para Lindau, (1980), os sons róticos (o [r] e seus alofones) representam uma classe que inclui sons com muitas variações de modos e de locais de articulação. O [r] caipira articulado “retroflexamente”, isto é, com a língua voltada para trás, se inclui nessa classe. É um alofone atestado no Paraná, em São Paulo (no interior), no sul de Minas Gerais, no Mato Grosso do Sul, em Mato Grosso, em Rondônia e em Goiás.

Essas e outras características podem causar estranhamento em falantes de regiões diferentes que não estão acostumados com elas. O que alguns estudiosos atribuem a algum grau de preconceito em relação à fala do outro é o que Bagno (2004) conceitua como “preconceito linguístico”.

Orlandi (2002, *apud* Azambuja, 2012) argumenta que [...]

O preconceito linguístico é uma forma de censura, visto que na censura temos sentidos que são possíveis, mas que não podem ser ditos. A nosso ver, podemos relacionar o preconceito linguístico com o modo que a autora argumenta sobre a política do silêncio, enquanto aquela que “se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros



sentidos possíveis, mas indesejáveis em uma situação discursiva dada (Orlandi, 2002, *apud* Azambuja, 2012 p. 24).

Para Orlandi (2002, *apud* Azambuja, 2012), o preconceito linguístico possui como base a afirmação de que “não se pode falar ‘errado. Assim, entre os preconceitos mais efetivos, está esse preconceito, visto que os sujeitos se constituem pela e na linguagem, identificando-se pelo fato mesmo de falarem”.

Além disto, segundo Bagno (2004 *apud* Azambuja, 2012) sobre o preconceito linguístico, remete-o às práticas sociais dos gregos na Antiguidade:

[...] há quase 2.500 anos, associaram a língua culta com a escrita literária. Essa é uma tradição que começou por volta do século III a.C., entre os filósofos e filólogos gregos, quando foi criada a própria disciplina batizada de gramática, em grego, significava, na origem, ‘a arte de escrever’. [...] ao desprezar completamente a língua falada (considerada ‘caótica’, ‘ilógica’, ‘estropiada’), e também ao classificarem a mudança da língua ao longo do tempo de ‘ruína’ ou ‘decadência’ [...] Foram eles e seus seguidores, de fato, que plantaram as sementes do preconceito linguístico, que iam dar tantos e tão amargos frutos ao longo dos séculos (Bagno, 2004, p. 46).

No entanto, acredita-se que é na diferença real que existe entre os sujeitos de uma sociedade, que as hierarquizações se constituem, que valores são atribuídos e que se criam preconceitos e processos de exclusão. Nesse sentido, “é pela maneira como as diferenças são significadas em um imaginário social, que se instaura o preconceito” (Azambuja, 2012, p.25).

A língua para Leite (2008, *apud* Azambuja, 2012), é parte desse imaginário social e aquilo que é norma produz uma separação entre os cidadãos, os qualificando-os ou até mesmo, os desqualificando. Ao mesmo tempo, pode ocorrer a atribuição de um lugar ou até mesmo, a exclusão da convivência social de forma qualificada. Assim,

[...] a intolerância linguística passa quase despercebida pela opinião pública e não provoca sérios abalos sociais, da mesma forma que aqueles provenientes da intolerância religiosa ou política, parece nem existir. Contudo, a intolerância linguística existe e é tão agressiva quanto outra qualquer, pois atinge o cerne das individualidades. A linguagem é o que o homem tem de mais íntimo e o que representa a sua subjetividade. Não é exagero, portanto, dizer que uma crítica à linguagem do outro é uma arma que fere tanto quanto todas as armas (Leite, 2008, *apud* Azambuja, 2012, p.13).

É possível assim, dizer que, para Leite (2008, *apud* Azambuja, 2012), apesar de ser menos



percebida pela opinião pública e de causar grandes abalos sociais, como a intolerância religiosa ou política, a intolerância linguística pode ser considerada também como tão agressiva quanto as outras formas de intolerância.

Para Brandão-Silva, Romualdo, Pereira (2022), a variação linguística é um fenômeno natural e intrínseco às línguas, e compreendê-la e aceitá-la é fundamental para lidar com a diversidade linguística presente na sociedade.

METODOLOGIA

Este estudo é uma pesquisa bibliográfica qualitativa para tanto, inicialmente se realizou uma busca por artigos, monografias, teses, dissertações, livros, dentre outros. As buscas das pesquisas ocorreram nos sites da Scielo e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações -(BDTD), com uso dos seguintes descritores: Documentário.Variação linguística. Sotaque.

Além disso, se utilizou como suporte para essa pesquisa autores de renome os quais, exploram esse assunto tais como: Orlandi (2002), Bagno (2004), Leite (2008), Brandão-Silva, que de certa forma, indicam procedimentos de pesquisa para o tema. O *corpus* de pesquisa foi elaborado por meio dos dados expostos na reportagem **Tá na boca do povo: jeito goianês de falar só Goiás que tem**, exibido pelo jornal da Record Balanço Geral no dia 2 de fevereiro de 2024.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A reportagem “Tá na boca do povo: jeito goianês de falar só Goiás que tem”,⁶ analisa um provável sotaque goiano, goianês, como é conhecido de forma popular. Assim, o sotaque goiano pode ser caracterizado por algumas particularidades linguísticas, que são apresentadas e também discutidas durante a reportagem. Entre essas características coincidem, em parte, com as que Bagno (2011) descreve na “Gramática pedagógica do português brasileiro”, elencada acima. Entre tantas, os entrevistados enfatizam a pronúncia retroflexa do rótico [r]. A análise realizada no documentário busca entender a origem, bem como a perpetuação do “R retroflexo” em Goiás. É mencionado

⁶ Fonte: https://youtu.be/WdZMzi9dr_w?si=85ZRDrHv5TuIgj50. Acesso em 12 de setembro de 2024.



neste texto que o fenômeno pode ter origem nas línguas indígenas e africanas presentes na região, além de ser influenciado sobretudo, por fatores geográficos e históricos.

Santana (2020) reitera que o [r] caipira é um fenômeno da língua portuguesa característico de algumas regiões do Brasil, incluindo Goiás. Isso faz um contraponto à hipótese de que esse som seja específico da fala goiana, mesmo que os entrevistados o reconheçam como tal.

Os entrevistados explicam que essa característica é passada de geração em geração e que se faz parte da identidade⁷ linguística do estado de Goiás. Um dos entrevistados do documentário disse que o goiano fala [porta, porteira e portão] “puxando” o [r]. Nas falas dos entrevistados, é possível identificar uma maior ênfase no "R" em algumas palavras.

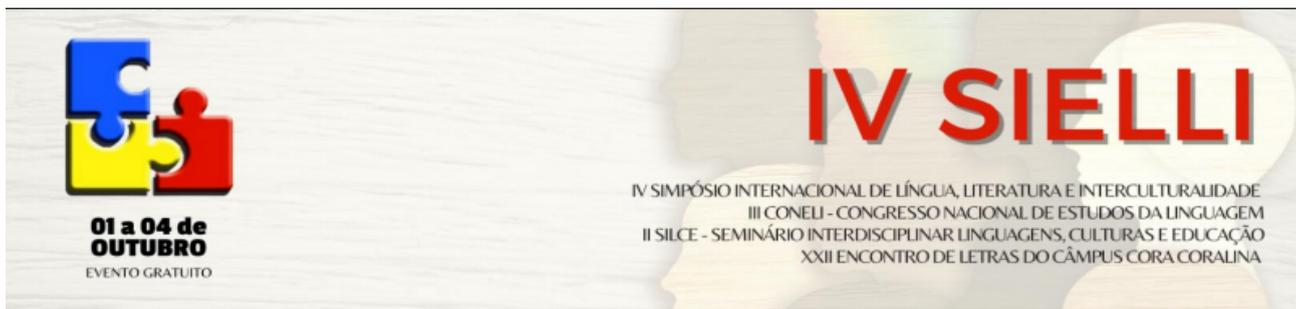
Além disso, no documentário são observadas algumas expressões coloquiais goianas, como "véio", "mermão" e "bão demais". Essas expressões são utilizadas de forma frequente pelos entrevistados no documentário, evidenciando a presença do "Goianês" no dia a dia da população local.

Outro aspecto que chamou atenção também foi o diminutivo das palavras como “tiquim” em vez de “tiquinho”, “pequenim” ao invés de “pequeninho”, entre outros. Esses diminutivos são utilizados para expressar afeto, carinho ou até mesmo como ironia. Eles fazem parte do jeito dos goianos de se comunicarem, com o objetivo de deixar a fala mais informal, ou seja, usa-se para criar contexto de informalidade.

Convém destacar que na reportagem, são apresentadas entrevistas com linguistas, estudiosos da língua e também com os próprios goianos, os quais compartilham suas experiências e opiniões sobre o sotaque e o uso dos diminutivos. O objetivo é entender como esses aspectos linguísticos se desenvolveram e estão sendo preservados ao longo do tempo, além de valorizar a cultura e até mesmo, a identidade goiana.

Outrossim, ao analisar o sotaque goiano e o uso dos diminutivos, o documentário elucida como a linguagem reflete e também influencia a cultura local. Além disso, ele tem como objetivo desmistificar os estereótipos e preconceitos linguísticos, destacando sobretudo, a riqueza e a diversidade das formas de se comunicar que existem no Brasil.

⁷ Identidade conforme Hall (2006).



O "Goianês" é um termo que é, geralmente, usado para descrever as características linguísticas do estado de Goiás, no Brasil. Assim como outras regiões, Goiás possui expressões e também maneiras particulares de falar que se diferenciam do português padrão, a expressão "uai so" é tida como sendo um exemplo desse fenômeno linguístico que é característico do dialeto goiano.

Logo, a expressão "uai so" é uma junção de duas palavras: "uai" e "so". "Uai" é uma interjeição que é usada no interior de Minas Gerais e também em Goiás, esta possui um sentido de surpresa ou espanto, similar ao "uai" do mineirês. Já o "so" é uma forma reduzida de "só", usado como sendo reforço enfático no final da frase.

Um dos entrevistados diz “ O jeito que a gente fala é bunitu até”, na frase em questão, o sotaque goiano pode ser notado por algumas características específicas. No sotaque goiano é comum que as vogais sejam pronunciadas de forma mais aberta e também prolongada, como ocorre na expressão "bunitu" ao invés de "bonito". Logo, nota-se que essa pronúncia diferenciada das vogais é influenciada por diversos fatores, como por exemplo, a influência do sotaque caipira e a mescla de elementos da língua portuguesa com características regionais. Essas peculiaridades são comumente associadas aos falantes que vivem no estado de Goiás.

Outrossim, destaca-se ainda que conforme uma das pesquisadoras da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Vânia Cristina Casseb Galvão (2024) que foi entrevistada neste documentário, normalmente os goianos não usam pronome reflexivo nas frases como por exemplo: “Eu ajoelhei, eu aposentei, eu casei, ao invés de eu me ajoelhei, eu me aposentei e eu me casei”(Casseb, 2024).

Essa falta de uso do pronome reflexivo segundo a pesquisadora entrevistada pode ser vista como uma característica linguística peculiar dos goianos, que se diferencia de outras regiões onde o uso do pronome reflexivo é mais comum. Essa particularidade em sua concepção pode ser influenciada por fatores culturais e históricos, além de questões linguísticas regionais. No entanto, é importante ressaltar que o uso do pronome reflexivo varia conforme contexto e a intenção comunicativa. Em certas situações, o uso do pronome reflexivo pode transmitir um significado diferente ou enfatizar a ação realizada pelo sujeito. Portanto, é necessário considerar esses aspectos ao analisar a linguagem utilizada pelos goianos.



Assim, ao longo dessa análise constatou-se que o goiano tem o sotaque particular, pois apresenta características linguísticas próprias, como o não uso do pronome reflexivo em determinadas frases, o [τ] retroflexo e o diminutivo de algumas palavras. Essa peculiaridade pode ser influenciada por fatores culturais, históricos e linguísticos da região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Tá na boca do povo: jeito Goianês de falar só Goiás que tem exibido pelo jornal da Record Balanço Geral em 2 de fevereiro de 2024, compreende os fenômenos linguísticos presentes no dialeto goiano. O documentário apresenta depoimentos de falantes nativos do estado de Goiás, que compartilham experiências e reflexões sobre o jeito peculiar de falar dos goianos. Dentre as características abordadas, o [τ] retroflexo se destaca como uma das marcas mais distintivas desse sotaque.

Assim, a análise do [τ] retroflexo nesse documentário contribui para a compreensão dos aspectos linguísticos, culturais e sociais relacionados ao jeito de falar dos goianos, ampliando o conhecimento sobre a diversidade linguística do Brasil. Ademais, a análise do sotaque goiano neste documentário revela singularidades linguísticas presente no estado de Goiás. O estudo proporcionou uma atenção maior no que se refere às características fonéticas, entonação e expressões típicas que são utilizadas pelos goianos, evidenciando a importância cultural e identitária desse sotaque regional.

Assim, ao assistir ao documentário, foi possível verificar que aquilo que atribuem ao sotaque goiano, nem sempre é uma singularidade específica da fala goiana. Por outro lado, é possível reconhecer que os entrevistados vêm nessas peculiaridades uma forma de expressar talvez o orgulho de ser goiano, com a valorização de elementos culturais que eles entendem como sendo especificamente goianos. Posto isto, por meio dessa análise, foi possível compreender um pouco da complexidade linguística presente no estado de Goiás.

Por fim, vale ressaltar que este estudo pode vir a ser uma contribuição no sentido de ampliar ainda mais o conhecimento sobre as variedades linguísticas (goianas) e ainda empreender discussões para a compreensão e o respeito em relação ao que é diferente, nem melhor nem pior,



apenas diferente.

REFERÊNCIAS

- AZAMBUJA., E. **O preconceito linguístico: algumas considerações**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/3976> Acesso dia 12 de agosto de 2024.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2004.
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.
- BRANDÃO-SILVA, F; ROMUALDO, E. C; PEREIRA, H. B [Orgs.] **Da Variação Linguística à “Pedagogia da Variação”**: descrição e ensino de português. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.
- CASSEB-GALVÃO; V. C; DUARTE, M. C. **Artigo de opinião**. Sequência didática funcionalista. São Paulo: Parábola, 2024.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006
- LEITE, M.Q. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.
- LINDAU, M. The Story of /r/. **UCLA Working Papers in Phonetics**, Los Angeles, n. 51, 1980
- ORLANDI, E.P. **As Língua e Conhecimento Linguístico**. São Paulo: Cortez, 2002
- SANTANA, Genilton Araujo de. **Preconceito linguístico: Um paradigma a ser quebrado**. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 04, Vol. 04, pp. 171-181. Abril de 2020. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/preconceito-linguistico>. Acesso em 20 de nov de 2024.